

Médiuns sensitivos, ou impressionáveis

Chamam-se assim às pessoas suscetíveis de sentir a presença dos Espíritos por uma impressão vaga, por uma espécie de leve roçadura sobre todos os seus membros, sensação que elas não podem explicar. Esta variedade não apresenta caráter bem definido. Todos os médiuns são necessariamente impressionáveis, sendo assim a impressionabilidade mais uma qualidade geral do que especial. É a faculdade rudimentar indispensável ao desenvolvimento de todas as outras.

Esta faculdade se desenvolve pelo hábito e pode adquirir tal sutileza, que aquele que a possui reconhece, pela impressão que experimenta, não só a natureza, boa ou má, do Espírito que lhe está ao lado, mas até a sua individualidade, como o cego reconhece, por um certo não sei quê, a aproximação de tal ou tal pessoa. Torna-se, com relação aos Espíritos, verdadeiro sensitivo. Um bom Espírito produz sempre uma impressão suave e agradável; a de um mau Espírito, ao contrário, é penosa, angustiada, desagradável. Há como que um cheiro de impureza.

Pneumatofonia - Voz Direta

Allan Kardec, em "O Livro dos Médiuns", chamou de pneumatofonia a produção de ruídos e vozes por entidades espirituais sem a colaboração ostensiva de um intermediário. Diferente, portanto, do que ocorre na psicografia, quando um médium escreve sob a influência dos desencarnados. Na pneumatofonia os sons parecem surgir no ar. Quando se trata de palavras ou frases, é também chamado de voz direta.

Pelo que sabemos da natureza dos Espíritos, podemos supor que, dentre eles, alguns, de ordem inferior, se iludem e julgam falar como quando vivos.

Não se trata de psicofonia. A pneumatofonia existe quando, sem o auxílio da garganta de uma personalidade encarnada, uma inteligência despojada de veículo orgânico se faz perceber, fisicamente, como uma voz no ambiente.

É interessante lembrar, a propósito, que casos desse tipo ocorreram na primeira fase do movimento cristão, assinalando, inclusive, as viagens missionárias de Paulo de Tarso como se observa nos Atos dos Apóstolos (Atos, 13:2) e no livro "Paulo e Estêvão", de Emmanuel, psicografia de Chico Xavier (37ª edição, págs. 317 e 330).

A literatura doutrinária posterior trouxe mais informações a respeito. Nelas se esclarece que os mensageiros espirituais, empregando recursos fluídicos fornecidos por um medianeiro, moldavam, em tais ocasiões, uma réplica de nosso aparelho fonador, através da qual, utilizando-se de recursos do ambiente, faziam soar suas vozes de forma perceptível à nossa audição.

Materializações bem como os fenômenos que estamos comentando constituem demonstrações irrecusáveis de que nossa individualidade sobrevive à disjunção celular, com todas as implicações filosóficas e religiosas daí decorrentes.

Os sons espíritos, os pneumatofônicos se produzem de duas maneiras distintas: às vezes, é uma voz interior que repercute no nosso foro íntimo, nada tendo, porém, de material as palavras, conquanto sejam claramente perceptíveis; outras vezes, são exteriores e nitidamente articuladas, como se proviessem de uma pessoa que nos estivesse ao lado.

De um modo, ou de outro, o fenômeno da pneumatofonia é quase sempre espontâneo e só muito raramente pode ser provocado. (O Livro dos Médiuns - Segunda Parte, capítulo 12, itens 150 e 151; Missionários da Luz - capítulo 10, psicografia de Chico Xavier).

Médiuns audientes

Estes ouvem a voz dos Espíritos. É, como dissemos ao falar da pneumatofonia, algumas vezes uma voz interior, que se faz ouvir no foro íntimo; doutras vezes, é uma voz exterior, clara e distinta, qual a de uma pessoa viva. Os médiuns audientes podem, assim, travar conversação com os Espíritos. Quando têm o hábito de se comunicar com determinados Espíritos, eles os reconhecem imediatamente pela natureza da voz. Quem não seja dotado desta faculdade pode, igualmente, comunicar-se com um Espírito, se tiver, a auxiliá-lo, um médium audiente, que desempenhe a função de intérprete.

Esta faculdade é muito agradável, quando o médium só ouve Espíritos bons, ou unicamente aqueles por quem chama. Mas não se dá o mesmo quando um Espírito mau se apegar a ele, fazendo-lhe ouvir a cada instante as coisas mais desagradáveis e não raro as mais inconvenientes. Cumpre-lhe, então, procurar livrar-se desses Espíritos, pelos meios que indicaremos no capítulo da *Obsessão*.

5. Médiuns videntes

(Q167 LM) Os médiuns videntes são dotados da faculdade de ver os Espíritos. Alguns gozam dessa faculdade em estado normal, quando perfeitamente acordados, e conservam lembrança precisa do que viram. Outros só a possuem em estado sonambúlico, ou próximo do sonambulismo. Na categoria dos médiuns videntes se podem incluir todas as pessoas dotadas de dupla vista. A possibilidade de ver os Espíritos em sonho é também uma espécie de mediunidade, mas não constitui propriamente a mediunidade de vidência.

O médium vidente julga ver com os olhos, como os que são dotados de dupla vista; mas, na realidade, é a alma quem vê e por isso é que eles tanto vêem com os olhos fechados, como com os olhos abertos; donde se conclui que um cego pode ver os Espíritos, do mesmo modo que qualquer outro que tem perfeita a vista.

168. Cumpre distinguir as aparições acidentais e espontâneas da faculdade propriamente dita de ver os Espíritos. As primeiras são freqüentes, sobretudo no momento da morte das pessoas que aquele que vê amou ou conheceu e que o vêm prevenir de que já não são deste mundo. Há inúmeros exemplos de fatos deste gênero, sem falar das visões durante o sono. Doutras vezes, são, do mesmo modo, parentes, ou amigos que, conquanto mortos há mais ou menos tempo, aparecem, ou para avisar de um perigo, ou para dar um conselho, ou, ainda, para pedir um serviço.

O serviço que o Espírito pode solicitar é, em geral, a execução de uma coisa que lhe não foi possível fazer em vida, ou o auxílio das preces. Estas aparições constituem fatos isolados, que apresentam sempre um caráter individual e pessoal, e não efeito de uma faculdade propriamente dita. A faculdade consiste na possibilidade, senão permanente, pelo menos muito freqüente de ver qualquer Espírito que se apresente, ainda que seja absolutamente estranho ao vidente. A posse desta faculdade é o que constitui, propriamente falando, o médium vidente.

Entre esses médiuns, alguns há que só vêem os Espíritos evocados e cuja descrição podem fazer com exatidão minuciosa. Descrevem-lhes, com as menores particularidades, os gestos, a expressão da fisionomia, os traços do semblante, as vestes e, até, os sentimentos de que parecem animados. Outros há em quem a faculdade da vidência é ainda mais ampla: vêem toda a população espírita ambiente, a se mover em todos os sentidos, cuidando, poder-se-ia dizer, de seus afazeres.

169. Assistimos uma noite à representação da ópera *Oberon*, em companhia de um médium vidente muito bom. Havia na sala grande número de lugares vazios, muitos dos quais, no entanto, estavam ocupados por Espíritos, que pareciam interessar-se pelo espetáculo. Alguns se colocavam junto de certos espectadores, como que a lhes escutar a conversação. Cena diversa se desenrolava no palco: por detrás dos atores muitos Espíritos, de humor jovial, se divertiam em arremedá-los, imitando-lhes os gestos de modo grotesco; outros, mais sérios, pareciam inspirar os cantores e fazer esforços por lhes dar energia. Um deles se conservava sempre junto de uma das principais cantoras.

Julgando-o animado de intenções um tanto levianas e tendo-o evocado após a terminação do ato, ele acudiu ao nosso chamado e nos censurou, com severidade, o temerário juízo: "Não sou o que julgas, disse; sou o seu guia e seu Espírito protetor; sou encarregado de dirigi-la." Depois de alguns minutos de uma palestra muito séria, deixou-nos, dizendo: "Adeus; ela está em seu camarim; é preciso que vá vigiá-la."

Em seguida, evocamos o Espírito Weber, autor da ópera, e lhe perguntamos o que pensava da execução da sua obra. "Não foi muito má; porém, fraca; os atores cantam, eis tudo. Não há inspiração. Espera, acrescentou, vou tentar insuflar-lhes um pouco do fogo sagrado." Foi visto, então, sobre o palco, pairando acima dos atores. Um eflúvio parecia se derramar dele para os intérpretes, espalhando-se sobre eles. Nesse momento verificou-se entre eles uma visível recrudescência da energia.

170. Outro fato que prova a influência que os Espíritos exercem sobre os homens, à revelia destes: Assistíamos, a uma representação teatral, com outro médium vidente. Conversando com um *Espírito espectador*, disse-nos ele: Estás vendo aquelas duas senhoras sozinhas num camarote de primeira? Pois bem, vou me esforçar para tirá-las do salão. Dizendo isso, o médium o viu ir colocar-se no camarote em questão e falar às duas senhoras. Súbito, as duas, que se mostravam muito atentas ao espetáculo, se entreolharam, parecendo consultar-se mutuamente, e a seguir se foram, não voltando mais. O Espírito nos fez então um gesto gaiato, significando que cumprira a palavra.

Observamo-los em diversos lugares de reunião: em bailes, concertos, sermões, funerais, núpcias etc., e em toda parte os encontramos atizando as más paixões, insuflando a discórdia, excitando as rixas, motivando os apetites sexuais e rejubilando-se com suas proezas. Outros, pelo contrário, combatem essa influência perniciosa, mas só raramente são ouvidos... A faculdade de ver os Espíritos é uma dessas faculdades cujo desenvolvimento deve processar-se naturalmente, sem que se provoque.

Os médiuns videntes, finaliza Kardec, são raros e deve-se ter muitas razões para submetê-los ao crivo da observação. É prudente não lhes dar fé senão mediante provas positivas.

A vidência propriamente dita independe dos olhos da matéria, porque é uma visão anímica, a alma vê fora do corpo. É o que a Parapsicologia chama de percepção extrasensorial. A dupla vista se manifesta sempre como um desdobramento da visão normal.

Conversando com um médium de vidência

05/06/2003 - Vejo espíritos, e na maioria das vezes tenho muito medo, mesmo sabendo que não podem me fazer mal. Porém, tenho curiosidade de saber o que eles querem, vindo até mim.

Eu já freqüentei alguns Centros Espíritas, mas não consigo terminar meu tratamento indicado, porque perco a vontade de ir, sinto vontade mas às vezes acontece coisas que me fazem desistir, me sinto meio que influenciada. E a minha pergunta praticamente é o que devo fazer, particularmente, isto está afetando a minha vida e eu tenho apenas 18 anos, isso já vem acontecendo há tempo...

Pelo seu relato você tem a mediunidade de vidência, e pode ser que os espíritos não venham até você, mas, como em todos os lugares há espíritos, você os vê naturalmente. A freqüência a um centro espírita pode ajudar bastante, porque vai reequilibrá-la emocional e psicologicamente, mas não vai evitar que você veja espíritos se tiver realmente a vidência.

Dizemos "realmente" porque pode ser que seja apenas uma fase de perturbação, provocada, inclusive, pela adolescência. Entretanto, não se limite a ir a um centro espírita, e sim, a estudar a Doutrina (O Evangelho Segundo o Espiritismo, O Livro dos Espíritos e O Livro dos Médiuns). Quanto mais você conhecer sobre mediunidade e Espiritismo, mais chances terá de se reequilibrar.

Como dissemos você não vai deixar de ver, mas saberá como agir, e não verá indiscriminadamente o tempo todo. É bem possível que esse descontrole seja devido a fase tumultuada da adolescência que está chegando ao fim. Mas não tenha medo.

Quando acontecer ore com serenidade por eles, especialmente quando você perceber que são espíritos sofredores, ignorantes.

